

Para que possamos entender por que o Brasil é um país subdesenvolvido, devemos situar a economia brasileira nos quadros da história e da dependência.

É claro que poderíamos querer dar explicações mais imediatas. Poderíamos dizer que o Brasil é subdesenvolvido porque seus trabalhadores não dispõem de uma quantidade suficiente de meios de produção (de máquinas principalmente) para trabalhar. Ou, então, que não dispõem da necessária soma de conhecimentos técnicos necessários a uma alta produtividade. Ou porque a população brasileira não só é excessiva em relação à disponibilidade de meios de produção, mas, também, cresce a taxas excessivamente elevadas. Falta de capital e falta de tecnologia, entretanto, são causas óbvias que, afinal, nada explicam. O crescimento da população a taxas muito mais elevadas do que ocorre ou ocorreu nos países hoje desenvolvidos é sem dúvida um obstáculo ao desenvolvimento, mas não pode ser considerado uma causa do subdesenvolvimento. O que é preciso saber é por que não temos quantidade suficiente de capital e de tecnologia por trabalhador e por que a população brasileira cresce a taxas que dificultam o processo de desenvolvimento.<sup>1</sup>

Há algumas “teorias” para explicar o nosso subdesenvolvimento já muito desmoralizadas, mas que devem ser lembradas. São explicações tolas, produto de um arraigado complexo de inferioridade colonial e da necessidade de as classes dominantes justificarem o *status quo*, a situação estabelecida. Por isso, acabam sempre ressurgindo sob os mais variados disfarces. Refiro-me às explicações climáticas (o Brasil é um país tropical...), às explicações raciais (o Brasil é um país mestiço...), às explicações culturais (o Brasil é um país latino e não anglo-saxão ou japonês...), às explicações geográficas (o Brasil não tem petróleo ou não tem ferro perto de carvão...).

Descartadas essas explicações ridículas e aquelas explicações óbvias mas que nada informam (falta de capital e de tecnologia), existe ainda uma explicação conservadora, a chamada “teoria da modernização”. O Brasil teria uma economia subdesenvolvida porque tradicional, pré-capitalista, feudal, semifeudal. Porque sua população não pensa em termos capitalistas, não se preocupa com produtividade, com mecanização de lucros, com investimentos produtivos. A sociedade brasileira seria dual: um setor tradicional, pré-

capitalista e um setor moderno, capitalista. O peso do setor tradicional, entretanto, seria tão grande que impediria o desenvolvimento do capitalismo neste país.

Essa teoria, muito em moda entre as mentalidades conservadoras, substituiu as antigas explicações culturais hoje desmoralizadas. Seu caráter ideológico é evidente. O Brasil seria subdesenvolvido por falta de capitalismo, quando nós sabemos muito bem que capitalismo é algo que não faltou jamais neste país. O modelo seriam os países capitalistas adiantados, modernos. Como nossa economia deveria ser igual à deles, falta-lhe capitalismo, é dual, tradicional.

Os defensores dessa explicação acabam propondo como solução para os problemas do nosso subdesenvolvimento um amplo trabalho de “educação”, através do qual se modernizariam as populações tradicionais, que assim seriam convencidas a trabalhar com mais afinco, a poupar, a saber que “tempo é dinheiro”, e que é possível “fazer-se por si mesmo” desde que se trabalhe. A ideologia do capitalismo — individualista, baseada no lucro e na hipótese da mobilidade social — é, assim, transplantada para o Brasil da maneira mais elementar.

No extremo oposto, existe a “teoria do imperialismo”. Se para a teoria da modernização o problema do Brasil é falta de capitalismo, para a teoria do imperialismo o Brasil seria subdesenvolvido porque foi permanentemente explorado pelos países capitalistas imperialistas. A totalidade ou grande parte do excedente econômico (ou seja, da produção que excede o consumo necessário dos trabalhadores) que o Brasil produz ou produziu foi sempre e sistematicamente transferida para a metrópole: primeiro para Portugal, depois para a Inglaterra e, afinal, para os Estados Unidos. Por isso seríamos subdesenvolvidos.<sup>2</sup>

Embora essa explicação esteja mais próxima da realidade, ela também é inaceitável. Sem dúvida, o Brasil foi sempre explorado pelas potências metropolitanas. Mas, se excluirmos Portugal, que era ele próprio uma metrópole subdesenvolvida, veremos que, quando os países hoje desenvolvidos, Inglaterra, França e Estados Unidos, em fins do século XVIII ou começo do século XIX, realizavam sua Revolução Industrial e completaram a Revolução Capitalista, o Brasil já estava muito atrasado. Sua renda por habitante era muito inferior à daqueles países. Sua tecnologia, muito menos desenvolvida. Depois a economia brasileira entrou em contato com aqueles países, desenvolveu-se e ao mesmo tempo foi explorada. E o atraso, se não se aprofundou, manteve-se no mesmo nível, enquanto outros países, como a Alemanha, o Japão e a Rússia, desenvolviam-se.<sup>3</sup>

Na verdade, só é possível compreender o subdesenvolvimento brasileiro no plano da história. Em vez da teoria da modernização ou da teoria do imperialismo, o que necessitamos é de uma “teoria histórica do subdesenvolvimento”. Esta teoria deverá partir da distinção entre o capital mercantil e o capital industrial, e procurar compreender por que no Brasil, como aliás em toda a América Latina, o capital mercantil permaneceu tão longamente dominante, dificultando a emergência do capital industrial.<sup>4</sup>

Por outro lado, o capital industrial, ao penetrar tardiamente na economia capitalista mercantil brasileira (aliás, marcada por fortes traços pré-capitalistas), irá encontrar não só fortes obstáculos da parte das estruturas mercantis e pré-capitalistas, mas também se revelará incapaz de absorver a força de trabalho abundante que o capital mercantil gerou durante quatro séculos. O capital industrial insuficiente e a tecnologia poupadora de mão-de-obra empregada penetrarão, então, como uma cunha na sociedade capitalista mercantil formando uma sociedade dualista e subdesenvolvida. Na verdade, o capital industrial penetra no Brasil em duas grandes ondas. A primeira, gerada aqui mesmo, tem suas primeiras manifestações no final do século passado e seu grande desenvolvimento a partir dos anos 30. É o capital local e competitivo. A segunda, marcada por forte componente de capital estatal e de capital multinacional, ocorrerá nos anos 50. É o capital monopolista. Em ambos os casos, a economia será marcada por uma heterogeneidade estrutural que definirá a própria condição do subdesenvolvimento.<sup>5</sup>

## NOTAS

<sup>1</sup> Realizei uma ampla análise das interpretações econômicas e políticas sobre o Brasil em “Interpretações sobre o Brasil” (Bresser Pereira, 1997a), onde estão analisadas duas interpretações anteriores à crise do início dos anos 60 e ao golpe militar de 1964, quatro do período entre 1964 e a grande crise dos anos 80, e três contemporâneas. As duas primeiras interpretações estão essencialmente preocupadas com as causas do subdesenvolvimento, a interpretação da vocação agrária relacionada com a teoria da modernização, enquanto a interpretação nacional-desenvolvimentista atribui o atraso econômico brasileiro principalmente ao imperialismo.

<sup>2</sup> Para uma crítica recente da interpretação imperialista do subdesenvolvimento brasileiro, ver “O conceito de pré-requisitos para a industrialização”, de Robert C. Nicol (1997). Este trabalho tem como origem a tese de doutoramento não-publicada do autor, *A agricultura e a industrialização no Brasil* (1974).

<sup>3</sup> O livro mais importante sobre a história econômica do Brasil é ainda o de Celso Furtado, *Formação econômica do Brasil*. São ainda importantes a *História econômica do Brasil*, de Caio Prado Jr. (1945); *Evolução industrial de São Paulo* (1954) e *Formação industrial do Brasil: Período Colonial* (1961), de Heitor Ferreira Lima; *A luta pela industria-*

lização do Brasil, de Nícia Vilela (1961); *Política do Governo e crescimento da economia brasileira*, de Aníbal Villela e Wilson Suzigan (1973); *Expansão cafeeira e origens da indústria no Brasil*, de Sérgio Silva (1976); *A industrialização de São Paulo*, de Warren Dean (1971); *Formação econômica do Brasil*, de Versiani e Mendonça de Barros (orgs.) (1977); *Indústria brasileira: origem e desenvolvimento*, de Wilson Suzigan (1986), e *Ordem e progresso*, organizado por Marcelo Paiva Abreu (1990). Não esquecer o livro clássico de Roberto Simonsen, *História econômica do Brasil — 1500-1820* (1937).

<sup>4</sup> Os três primeiros capítulos da *História econômica do Brasil*, de Caio Prado Jr. (1945) nos sugerem a causa fundamental do subdesenvolvimento brasileiro: o caráter mercantil da colonização brasileira em contraste com a colonização de povoamento que foi dominante no norte dos Estados Unidos (Nova Inglaterra). O Brasil, como uma região complementar do ponto de vista climático em relação à Europa, adaptava-se a uma colonização mercantil ou de exploração capitalista, baseada no latifúndio ou na “plantation”, que, conforme principalmente Celso Furtado demonstrou nos livros já citados, não propiciava o aumento da produtividade e, portanto, um desenvolvimento sustentado.

<sup>5</sup> Examinei o desenvolvimento do Brasil entre 1930 e a crise dos anos 80 em *Desenvolvimento e crise no Brasil — 1930-1983* (Bresser Pereira, 1984). A grande crise dos anos 80 e o desenvolvimento posterior foram por mim analisados principalmente em *Crise econômica e reforma do Estado no Brasil* (1996). Os dois livros complementam-se, portanto, no plano histórico.